

O VERMELHO NA BANDEIRA DO BRASIL: ANÁLISE DE CHARGES EM REAÇÃO AO JARGÃO DE JAIR BOLSONARO NO CONTEXTO DIGITAL BRASILEIRO

DOI: 10.47677/gluks.v25i01.519

Recebido: 15/01/2025

Aprovado: 17/03/2025

REIS, Layla Tonon¹

RESUMO: Este trabalho propõe compreender discursivamente as associações político-ideológicas da cor vermelha no contexto sociopolítico brasileiro, associações desencadeadas pela frase “nossa bandeira jamais será vermelha” enunciada por Jair Bolsonaro em seu discurso de posse (2019), também recorrente ao longo de seu processo de campanha eleitoral e na presidência (entre 2018 e 2022), tanto em pronunciamentos presenciais quanto no ambiente digital. Utilizamos dos conceitos de memória, acontecimento e ideologia (Pêcheux, 1999; 2006; 2011) para compreendermos o contexto sociopolítico do recorte temporal proposto. Além disso, o *corpus* desta pesquisa será composto por charges, depreendidas do meio digital, que fazem referência tanto à cor vermelha no âmbito político quanto ao acontecimento da enunciação de Bolsonaro. Nesse sentido, para análise, amparamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Semiolinguística para compreensão do ato de linguagem, da situação de comunicação e para a depreensão dos sujeitos (Charaudeau, 2001), além das noções de discursividade e natividade digital de Dias (2016) e Paveau (2021), respectivamente. Os procedimentos apresentados permitem iniciar essa busca pelo entendimento da cor vermelha enquanto símbolo ideológico e enquanto repúdio de determinada oposição no âmbito político brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia, Charges, Cor vermelha, Discurso digital, Bolsonaro

Introdução

Em primeiro de janeiro de 2019, Jair Bolsonaro proferiu seu discurso² de posse presidencial à nação brasileira. A fala, de breve duração, enfatizou e reforçou o posicionamento conservador em prol da instituição familiar (tradicional³) que esteve presente

¹ Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Viçosa, onde também se tornou Mestre em Estudos do Texto e do Discurso. Atualmente, desenvolve pesquisa de doutorado em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), com foco em Análise do Discurso. E-mail: laylatonon12@gmail.com

² Discurso, na íntegra, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IwCF1MFR7Is> Acesso em: 15 set. 2024

³ A direita conservadora tende a defender um modelo de família tradicional brasileira, estruturado em uma hierarquia na qual o homem assume o papel de provedor, a mulher desempenha um papel de submissão e os

em todo seu processo de campanha eleitoral. O então presidente também reafirmou sua proposta de garantir o direito de propriedade e legítima defesa e o combate à corrupção e à criminalidade sob a justificativa de que, para ele, era direito do brasileiro poder sonhar com uma vida melhor.

Nessa perspectiva, além de reiterar os principais pontos trazidos ao longo da campanha de 2018 (discursos carregados de ideais mais voltados ao liberalismo econômico, aos problemas de segurança pública, às relações internacionais e aos princípios religiosos – cristãos), o pronunciamento também contou com jargões bastante conhecidos e difundidos. O primeiro, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, símbolo de patriotismo e de fé, além da valorização da família, marcou os pilares da campanha de Bolsonaro. O segundo, “essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha”, foi uma variação do famoso bordão – “nossa bandeira jamais será vermelha” – que também marcou sua campanha eleitoral e ganhou destaque em 2018⁴, sendo repetido incansavelmente tanto pelos eleitores, nas manifestações bolsonaristas, quanto pelos correligionários, em campanhas para deputados e governadores, e pela primeira-dama, Michelle Bolsonaro, em sua aparição no discurso do desfile de 7 de setembro em 2022⁵.

Após o surgimento desse jargão, redes sociais como X (Twitter), Instagram e Facebook foram inundadas por enunciados tanto de apoio ao então presidente quanto de oposição, nos quais sua fala – “nossa bandeira jamais será vermelha” – era questionada e suas contradições evidenciadas. Ao longo dos anos, a oposição de Bolsonaro se apropriou da frase e a utilizou para fazer críticas econômicas, morais e sanitárias ao governo. Esse movimento deslocou o sentido original do jargão, que associava a esquerda brasileira ao comunismo, e permitiu novas interpretações. Diante disso, selecionamos quatro charges em que esse

filhos, seguindo princípios cristãos, devem honrar os pais. Santos (2020) expõe que o discurso conservador está relacionado ao conceito de doxa (opiniões compartilhadas por grupos sociais) que, aliado ao conceito de “valor”, reflete as crenças compartilhadas e estruturas ideológicas presentes na sociedade. Esses valores costumam estar relacionados a aspectos religiosos, sociais e políticos.

⁴ A título de exemplificação, identificamos um vídeo da campanha de Bolsonaro, disponibilizado pelo jornal online Folha Política na plataforma YouTube, que foi postado alguns dias após um atentado sofrido pelo presidente em Juiz de Fora, Minas Gerais. O vídeo conta com a presença de Flávio Bolsonaro, que comanda o discurso. Os outros presentes são apoiadores e manifestantes em massa, que entoam, em conjunto, bordões como “mito, mito, mito”, “nossa bandeira jamais será vermelha” e outros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1nB69tBk7DM> Acesso em: 10 mar. 2025.

⁵ Vídeo disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-michelle-bolsonaro/> Acesso em: 15 set. 2024.

deslocamento é identificável com o objetivo de compreender a forma como ele ocorre discursivamente, por meio de uma análise baseada na teoria dos sujeitos da linguagem e da ironia de Charaudeau (2001; 2006). Outrossim, de maneira interpretativa, consideraremos a Análise do Discurso Digital (Dias, 2016; Paveau, 2021) com o intuito de visualizar as formas de recepção e produção de charges nas redes, visto que se trata de um gênero migratório cuja reprodução inicial dava-se por meio impresso. Com esses propósitos, iniciaremos este trabalho a partir de uma contextualização da cor vermelha no ocidente, visando compreender as associações ideológicas que influenciaram o cenário brasileiro.

Breve contextualização da simbologia da cor vermelha no ocidente

O estudo da simbologia das cores no Ocidente atravessa diferentes períodos da história, desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade. Filósofos como Platão, Aristóteles e Sêneca estabeleceram referências iniciais sobre as cores, associando-as ao preto e ao branco. Mais tarde, no Renascimento, Leonardo da Vinci, em *Tratado da Pintura e da Paisagem: Sombra e Luz*, descreveu as cores primárias e aprofundou a relação entre luz e sombra. No século XVII, os estudos da física newtoniana trouxeram uma nova perspectiva com a descoberta do espectro da luz, revolucionando a compreensão científica das cores. Já no século XIX, Goethe contribuiu significativamente para a análise dos efeitos psicológicos das cores no comportamento humano.

Nesse sentido, fica perceptível que a simbologia das cores não se restringe a um único campo do conhecimento, mas perpassa áreas como a filosofia, a arte, a física, a sociologia e a linguagem. Com a evolução desses estudos, foi possível identificar simbologias associadas às cores, fundamentadas tanto na percepção individual quanto em fatores culturais e psicológicos. Dessa forma, esses diferentes campos passaram a utilizar estratégias para compreender as influências das cores nas emoções, nos comportamentos e até mesmo na identidade de determinados grupos.

No tocante à cor vermelha, tanto Guimarães (2000) quanto Heller (2013) afirmam que essa seria a primeira cor identificada e nomeada pelo ser humano. Nos dois textos, algumas associações semelhantes são destacadas: o vermelho simboliza fogo, proibição, sensualidade, amor, paixão, violência e pecado. No entanto, em termos da física, Guimarães (2000) explica

que a cor vermelha possui uma carga emocional que expressa uma agressividade natural por ter um comprimento de onda localizado nos limites da cor visível. Tal fato pode explicar o desconforto humano e essas associações tão extremas voltadas para o vermelho, porque o que ocorre é a junção das características físicas do espectro de ondas com uma associação mitológica e simbólica da cor. Ainda nesses termos, o autor afirma que a oposição natural do vermelho seria o verde, no sentido de proibir *versus* permitir (as luzes do semáforo, por exemplo, que indicam o momento de parar e seguir).

Já no âmbito político, a cor vermelha é retomada desde a Antiguidade e a Idade Média, sendo vista como uma cor nobre, devido à sua fabricação trabalhosa e cara. Por muito tempo, representou o poder político (imperadores e reis) e religioso (vestimentas dos cardeais). Entretanto, pela mitologia, sempre foi muito associada à guerra, à violência e ao sangue, simbolizadas pelo deus Áries (Heller, 2013).

A cor vermelha, contudo, passa a ser a cor da liberdade e da revolução a partir da Revolução Francesa, mais especificamente em 1792, associada aos jacobinos. Em 1871, com as bandeiras da Comuna de Paris, há um reforço desse significado, quando esta cor passou a ser referência do comunismo e da esquerda (Heller, 2013). A Revolução Russa (1917) também contribuiu para o legado dessa cor com a retomada da bandeira vermelha (movimento socialista) simbolizando o sangue dos operários. Além de marcar o marxismo-leninismo, em russo, “vermelho” traduz-se como “bonito, cordial, bom” (Heller, 2013, p. 124). Dessa forma, associá-lo ao exército (como no caso do “exército vermelho” da União Soviética) ou ao povo revolucionário era sinônimo de grandiosidade.

No Brasil, além do código de cultura desenvolvido em torno do vermelho relacionando-o a sangue, fogo, violência, paixão, perigo e proibição,

[...] o vermelho é a cor do Partido dos Trabalhadores (PT); do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST); do Partido Comunista Brasileiro (PCB); do Partido Comunista do Brasil (PCdoB); a cor que, pelo lenço no pescoço, identifica os militantes do Partido Democrático Trabalhista (PDT); e a cor da Central Única dos Trabalhadores (CUT) (Guimarães L., 2000, p. 121).

Ainda nesse contexto, o vermelho foi (e ainda é) extremamente presente nas campanhas presidenciais do Partido Trabalhista (PT), geralmente acompanhado de uma estrela vermelha, branca ou amarela. Para além da cor representativa do partido, essa estrela

era associada, a princípio, a Lula, uma das maiores figuras deste grupo, que se apresentava como um operário e disseminava o discurso do Brasil governado pelo povo e feito para o povo.

Com Dilma Rousseff, somado às questões do partido, utilizou-se de outra emoção desencadeada pelo vermelho: a valentia da mulher brasileira. Além disso, fez-se associações às paixões (“coração valente”) e, muito provavelmente, à capacidade maternal da mulher, bastante difundida nos discursos⁶ da ex-presidenta.

Já nas eleições de 2018, com Fernando Haddad como candidato do partido, houve um aumento no repúdio à cor vermelha por parte da oposição “verde-amarela”, desencadeado, principalmente, pelo jargão continuamente proferido por Jair Bolsonaro (“nossa bandeira jamais será vermelha”). Foi um período marcado por violência extrema e uma forte polarização. Segundo a BBC News Brasil (2018), os dias que antecederam as votações foram permeados por relatos de agressões, intimidações e violências verbais e físicas, especialmente contra mulheres e homossexuais. Entre os possíveis motivos apontados, destacava-se o fato de que, na maioria dos casos, as vítimas utilizavam vestimentas vermelhas ou carregavam objetos associados à campanha anti-Bolsonaro⁷. Neste período, até mesmo o marketing oficial da campanha de Haddad passou por adaptações, adotando as cores verde, amarelo e azul⁸.

Nas últimas eleições presidenciais, em 2022, já nas campanhas do segundo turno, para desassociar a imagem do partido do comunismo enquanto sinônimo de temor e ameaça, Simone Tebet, apoiadora do então presidenciável Lula, sugeriu irem às ruas vestindo branco⁹, ao invés do tradicional vermelho, em um evento da campanha. A sugestão foi acatada e Lula mudou, inclusive, a gravata do discurso de posse, utilizando uma azul ao invés de vermelha. No entanto, a cor ainda é utilizada tanto pelo partido quanto por seus apoiadores, indicando uma associação visual marcada pela identificação do grupo com o vermelho, ou até mesmo

⁶ No discurso de posse de Dilma, em 1 de janeiro de 2011, é possível identificar diversas associações entre a presidência e a maternidade. O discurso encontra-se disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/01/01/integra-do-discurso-da-presidente-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-posse> Acesso em: 15 ago. 2024.

⁷ Mais informações sobre violências contra pessoas que usavam vermelho em 2018 disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628> Acesso em: 10 set. 2024.

⁸ Informações disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/epoca/mar-nao-esta-para-peixe-para-usar-vermelho-avaliam-marqueteiros-23146689> Acesso em: 10 mar. 2025.

⁹ Informações disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63260840> Acesso em: 27 ago. 2024.

ideológica, por um viés daquele propagado pela extrema direita como o “fantasma do comunismo”.

Memória, ideologia e acontecimento em “nossa bandeira jamais será vermelha”

Ainda nessa lógica de associação do vermelho ao comunismo e reconhecendo os sujeitos (Bolsonaro e seguidores) por quem o bordão¹⁰ foi popularizado, além dos contextos e dos contrastes (a tomada das cores da bandeira brasileira como forma de identificação dos apoiadores) é possível afirmar que é feita, por esse grupo, uma relação direta entre a associação da cor vermelha ao comunismo. O sentido trazido à “bandeira vermelha” no jargão é metafórico e ideológico, visto que se trata de um símbolo que representa determinadas ideias de determinado grupo. Essa vinculação geral do vermelho (comunista) à esquerda brasileira indica que o país (a nação, o Estado, a instituição familiar) poderia ser “contaminado” pelo comunismo, uma ameaça antiga que pautou argumentos, inclusive, no período ditatorial. Logo, ao afirmar que o país não seria “tomado pela bandeira vermelha”, Bolsonaro e seus apoiadores reforçam a ideia de que o Brasil deve evitar políticas alinhadas à esquerda, reforçando uma oposição ideológica ao PT e ao comunismo.

Pêcheux (1999, p. 49-50) expõe que “um acontecimento histórico [...] é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória”. Partindo do conceito de memória social e coletiva, é possível associar o bordão do ex-presidente a um acontecimento que influenciou uma nova onda de disseminação do anticomunismo. Essa relação ocorre porque, ainda para Pêcheux (1999), a memória social é materializada discursivamente por meio dos processos de repetição e reconhecimento, seja de imagens ou outros tipos de texto. A construção da memória ocorre por meio de um jogo de força entre a regulação e desregulação dos implícitos (elementos ideológicos, linguísticos e históricos que se ligam ao acontecimento) até gerar um desdobramento dessa memória em paráfrase.

¹⁰ Courtine (2003), ao buscar compreender as formas de espetacularização do discurso político, expõe que o bordão, ou jargão, faz parte da estratégia de “simplicidade calculada”, em que a disseminação de frases curtas gera uma argumentação esquematizada, como se fosse uma fórmula. A utilização recorrente dessas frases de efeito permite a rápida instauração de uma ideologia mínima, pois o “discurso é então compreendido como o produto homogeneizado de um consumo de massas” (Courtine, 2003, p. 23). Dessa forma, a alta reprodução de “nossa bandeira jamais será vermelha” em diversos contextos, seja digital ou não, prova essa capacidade ideológica mínima proposta pelo autor.

No caso do bordão utilizado como ponto de partida para seleção do *corpus* desta pesquisa, é possível estabelecer uma relação entre os ideais defendidos por Bolsonaro (e seus apoiadores) e o repúdio ao possível retorno de uma “ameaça vermelha”, associada ao “fantasma do comunismo” e ao “anticomunismo”. Sobre isso, Motta (2001/2002) explica que o anticomunismo pode ser dividido entre dois extremos: um físico, concreto, por meio de manifestações e campanhas; e um ideológico, através de representações e imaginários. O autor ainda expõe que essa mobilização ocorria embasada no sentimento de medo e na distorção de imagens (de indivíduos políticos ou de coletivos). Para ele, a atribuição de um adversário ao comunismo foi uma das práticas mais comuns após 1935. O que ocorria era uma associação desses grupos a uma grande ameaça aos valores conservadores vinculados à moral, à família, ao patriotismo, à liberdade de expressão e religiosa, por exemplo.

Contrastando com o contexto do bordão, é notória a continuidade expressiva dessa prática, que visa manter os valores considerados tradicionais pelo grupo que o entoa. Nessa lógica, o comunismo, no enquadramento brasileiro, costuma ser diretamente relacionado à esquerda, contribuindo, cada vez mais, para uma intensa polarização política e para a idealização de um “brasileiro de verdade”, que, para a direita, não está associado ao “vermelho”. Assim, retomando o contraste da tomada do verde-amarelo para representar esse brasileiro “verdadeiro”, é feita a associação de que, se o vermelho não representava, para esse grupo, o cidadão brasileiro, o verde-amarelo traria essa autenticidade, seja para a identificação de terceiros, seja para gerar o sentimento de pertencimento no próprio grupo, consolidando representações ideológicas antagônicas entre “nós” e “eles”, em que “eles” é visto como um inimigo a ser combatido (Amossy; Koren 2016).

Ademais, para além do viés da memória coletiva, associada a uma reprodução, muitas vezes, de cunho apenas repetitivo, consideramos interessante compreender como funciona o conceito de ideologia. Para Pêcheux (2011), a ideologia, assim como a memória, é social, está conectada ao sujeito e é extremamente importante para o estabelecimento e a manutenção das relações de poder. Além disso, esse conceito interliga-se à perpetuação de reproduções que se adaptam, transformam e reorganizam, visto que “reprodução nunca significou repetição do mesmo” (Pêcheux, 2011, p. 115). Ou seja, a ideologia é reproduzida por meio de rituais e movimentos que serão aceitos, ou não, pelos seguidores, mas que não se repetem de maneira explícita exaustivamente. Nesse viés, retomando o bordão “nossa bandeira jamais será

vermelha”, apesar de parecer uma repetição exaustiva, a complexidade por trás de seu significado e, até mesmo, simbolismo traduz posicionamentos ideológicos enraizados no conservadorismo brasileiro.

Outrossim, como a fala se desencadeou de momentos específicos das campanhas eleitorais e chegou a gerar deslocamentos¹¹, é essencial ter em mente o conceito de acontecimento. Pêcheux (2006) estabelece que o acontecimento, para além do enunciado, vincula-se ao encontro entre memória e atualidade, podendo ter um caráter histórico, discursivo e/ou jornalístico. Enquanto isso, Guimarães, (2005) compreende o acontecimento não como um fato que está fixado em um único ponto do passado, mas como algo que se temporaliza, que “instala sua própria temporalidade” (Guimarães, 2005, p. 12). Ou seja, um fato que se desenvolve, ressignifica e influencia diferentes momentos ao longo do tempo, adquirindo novos sentidos a partir da evolução dos contextos histórico e social. Ainda sobre a noção de tempo, Benveniste (1989) define que essa categoria possui caráter de reinvenção, assim como o conceito de espaço, que não se limita ao físico, pois o tempo se reelabora a cada enunciação.

No caso da fala de Bolsonaro, é possível identificar tanto um cunho histórico quanto discursivo, jornalístico, temporal e espacial, visto que retoma essa preocupação com a “ameaça vermelha”, inquietação bastante recorrente e característica de grupos anteriores que compartilhavam dos mesmos ideais. A forma como o enunciado é construído, por meio de metáforas e símbolos (como o “vermelho”), aliada à identificação dos sujeitos e da cena de comunicação também permite uma análise discursiva. Portanto, o bordão foi veiculado nas grandes massas e nas redes sociais, além de ser frequentemente retomado na oralidade. Já no que diz respeito à temporalidade, a fala é vista como uma forma de identificação do grupo. Ela também passa por deslocamentos (foco de nossa análise), seja discursivamente, utilizando a própria frase de maneira irônica, seja por meio de manifestações e movimentos em tentativas de resgate das cores da bandeira brasileira (verde-amarelo) para desassociar a imagem da esquerda dessa ameaça. Em termos de espacialidade, a frase foi veiculada em diversos meios de comunicação, além de ter sido enunciada em situações diversas (desfiles, pronunciamentos comemorativos e de posse, entrevistas, etc.), apesar de todas estarem

¹¹ Na seção de análise (p. 12), observamos que o jargão, antes usado para repudiar a “ameaça vermelha”, passou a ser empregado para se referir a temas como a ditadura militar, a economia, o patriotismo e a pandemia de COVID-19 com uma nova finalidade: criticar a própria fala de Bolsonaro e seus apoiadores.

vinculadas ao discurso político. Em vista disso, é preciso que observemos como funciona, de modo geral, o discurso no meio digital, além das condições de produção e reprodução do jargão do *corpus* analisado nas redes sociais.

Charges no Ambiente Digital: Construção e Circulação do Discurso

Este estudo busca compreender como a cor vermelha é ressignificada em duas charges de autoria de Zé Dassilva, uma de João Bosco e uma de Babu, que retomam o bordão “nossa bandeira jamais será vermelha” deslocado do sentido original (anticomunista) para questionar atitudes do governo de Bolsonaro. Dessa forma, para o *Michaelis: Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* (2015), a charge seria um “desenho de caráter humorístico que retrata satiricamente determinado fato da atualidade, destacando uma ou mais personagens envolvidas”. Costa (2008), no *Dicionário de Gêneros Textuais*, ressalta que, apesar de extremamente parecidos, a charge se difere entre a tirinha e o cartum, garantindo a manutenção de suas características relativamente estáveis (Bakhtin, 2016). Assim, o que a distingue da tirinha é, basicamente, a quantidade de quadrinhos (a tirinha possui mais de um) e em relação ao cartum seria o fator temporal, em que a charge trata de fatos recentes e o cartum de temas atemporais (compreendidos independentemente do momento de sua leitura). Ou seja, para compreender a charge, é preciso compreender o contexto temporal, histórico, social e político. Além dessas características, Costa (2008) ainda atribui à charge o fato de ser veiculada pela imprensa e focalizar personagens envolvidas em fatos político-sociais. Esta capacidade de reprodução associada aos meios de comunicação jornalísticos, no entanto, não se mantém fixa ao considerarmos o meio digital.

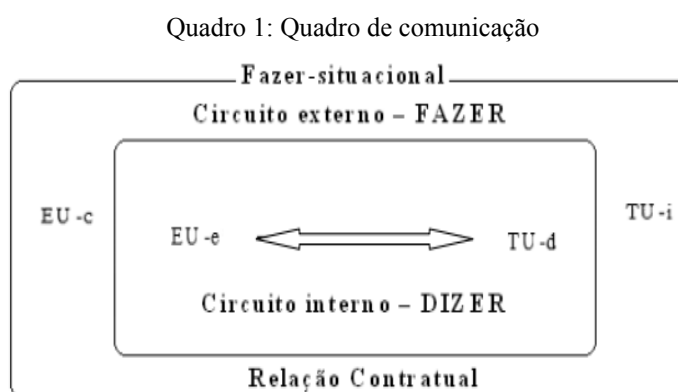
Para Dias (2016, p. 9), “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo [...], nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos”. Ou seja, a digitalidade (distribuição de conteúdo em diversos formatos e dispositivos em estado digital) possibilita a circulação de dados tanto por meios institucionalizados do jornalismo, como jornais e revistas, quanto por indivíduos que os utilizam como fonte de informação. Esse processo permite a atribuição de diferentes valores ao conteúdo circulado, influenciando sua interpretação de acordo com o ambiente e o grupo social dos indivíduos que

o consomem. Ao mesmo tempo, aciona diversas leituras associadas a grupos específicos, como ocorre no deslocamento do jargão proposto para análise.

Paveau (2021), contudo, discute o conceito de *corpus* digital nativo. Isto é, dados que são diretamente produzidos no ambiente digital e não somente a partir dele, utilizando-o como um suporte. A princípio, por se tratar de um gênero migratório, pode-se afirmar que as charges se utilizaram da internet como um suporte para sua reprodução, mantendo a imprensa como seu principal veículo (jornais e revistas online que também migraram do impresso para o digital). No entanto, atualmente, com a facilidade de compartilhamento atribuída à hipertextualidade (utilização de links e ferramentas de divulgação e movimentação de informações na *web*), qualquer usuário pode veicular, em qualquer rede social, essas charges. Sendo capazes, inclusive, de tecer comentários sobre o conteúdo e adicionar informações às imagens, transformando-a em um novo texto. No entanto, diante da expansão proporcionada por essas novas possibilidades comunicacionais, retiramos as charges de sites jornalísticos ou de blogs dos próprios chargistas.

Teoria semiolinguística: breves considerações sobre os sujeitos e a ironia

Para Charaudeau (2001), o ato de linguagem é duplo, referindo-se a rituais sociolinguísticos que envolvem estratégias discursivas, como intencionalidade e expectativa de significação. Tais estratégias surgem a partir da interação entre sujeitos que disputam e negociam informações, conhecimentos e atitudes, estabelecendo relações de força nesse processo. Nesse sentido, partindo do princípio de que esse ato seja duplo, é preciso enfatizar que existe um circuito interno (do dizer) e um externo (do fazer):



Fonte: Charaudeau (2001)

Nessa perspectiva, o sujeito é definido como um ser pensante, uma abstração, e é desdobrado em quatro identidades. No circuito interno, tem-se a instância discursiva (os protagonistas), composta por EUe (enunciador) e TUD (destinatário), esses são os seres de fala. O EUe possui atitudes discursivas e o TUD trata-se do público idealizado pelo enunciador.

No circuito externo, temos os parceiros, que indicam a instância situacional e estabelecem uma relação contratual de reconhecimento mútuo. Eles não necessariamente coincidem com os protagonistas e, para que o ato de linguagem obtenha sucesso, é necessário que haja esse reconhecimento. Em nossa análise, para compreender as estratégias discursivas dos deslocamentos realizados a partir do jargão de Bolsonaro e da cor vermelha, é preciso que compreendamos os sujeitos das cenas das charges. Assim, será feita a apreensão do quadro comunicação de cada uma delas.

Antes, no entanto, é preciso, também, considerar o caráter humorístico do gênero charge. Sob essa ótica, adotaremos o conceito de ironia conforme Charaudeau (2006), pois essa é a estratégia humorística presente em todas as charges, que têm o mesmo objetivo: questionar, criticar e ridicularizar a fala do ex-presidente, mostrando, por outro lado, que há situações em que a bandeira se torna vermelha, mesmo que se refira a outros elementos a serem vistos posteriormente. Desse modo, a ironia, resumidamente, consiste no fato de que “o ato de enunciação produz uma dissociação entre o que é dito e o que é pensado” (Charaudeau, 2006, p. 28, tradução nossa¹²). Ou seja, o que é dito não condiz com o que é pensado e, para que a interação funcione, é preciso que TUi esteja alinhado com TUD, pois o interpretante deve entender que EUe está sendo irônico. Caso isso não ocorra, o ato não passaria de uma zombaria. Dessa forma, com base no quadro comunicacional de Charaudeau (2001) e na definição de ironia (Charaudeau, 2006), a identificação do deslocamento e da crítica das charges selecionadas torna-se possível.

Processos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada a partir de abordagem qualitativa e interpretativa de análise. Iniciamos com uma breve revisão de literatura a respeito do uso ou aparecimento da

¹² No original: “l’acte d’énonciation fait coexister ce qui est dit et ce qui est pensé” (Charaudeau, 2006, p. 28).

cor vermelha em determinados enquadramentos históricos, políticos e sociais do ocidente. Além disso, exploramos as simbologias por trás da cor vermelha pelo viés da teoria das cores (Guimarães, 2000; Heller, 2013) para compreender as possíveis associações realizadas nas charges que trazem deslocamentos do bordão de Bolsonaro. Em seguida, contextualizamos a frase “nossa bandeira jamais será vermelha”, oriunda da campanha presidencial de Bolsonaro. Nessa mesma seção, associamos a frase aos conceitos de memória, ideologia, acontecimento, tempo e espaço conforme Pêcheux (1999; 2006; 2011), Guimarães (2005) e Benveniste (1989).

Ademais, considerando o discurso digital (Dias, 2016; Paveau, 2021), delimitamos um *corpus* que contém quatro charges as quais deslocam o jargão, relacionando-o a outros temas (para além da associação ao comunismo), em tom de questionamento dos valores éticos e morais daqueles que o reproduzem. Os temas remetem desde a ditadura militar até o falso-patriotismo e crises sanitárias ou econômicas. Para compreendermos os deslocamentos, foi necessário buscar definições para o gênero discursivo “charge” e suas características de produção e reprodução nos meios digitais. Além do exposto, para operacionalizar as análises, utilizamos de um referencial teórico baseado na teoria semiolinguística, mais especificamente em Charaudeau (2001), sobre os sujeitos do ato de comunicação e suas identidades, e em Charaudeau (2006), sobre a ironia. Com esse embasamento, foi possível identificar a forma como ocorreram as ressignificações e os deslocamentos na utilização da cor vermelha e seus possíveis significados e representações.

“Nossa bandeira [realmente] jamais será vermelha”?

Como exposto, as charges selecionadas tratam do deslocamento da fala “nossa bandeira jamais será vermelha” proferida por Jair Bolsonaro e seus apoiadores em diversos contextos da política brasileira, principalmente no âmbito das campanhas eleitorais de 2018. Esses textos, que funcionam como forma de “resposta questionadora” datam de 2018 a 2021 e abordam temas conectados à própria política, à saúde e à economia.

No caso da Imagem 1, a seguir, temos uma charge de 11 de maio de 2018 que trata de um fato¹³, ocorrido em 10 de maio do mesmo ano, relacionado à divulgação, pelo governo americano, de um documento de 1974 sobre a ditadura militar no Brasil. Considerando os fatores multimodais¹⁴, do lado esquerdo superior da charge, tem-se a mensagem: “diretor da CIA diz que Geisel autorizou execução de opositores durante a ditadura”. No balão de fala, atribuído a um homem – possivelmente uma figura histórica, como o próprio Geisel, ou um representante simbólico do regime ditatorial –, que veste trajes formais e está acompanhado de outro indivíduo, lê-se a seguinte declaração: “A nossa bandeira jamais será vermel OOPS!”.

Imagem 1: Zé Dassilva, 11 de maio de 2018, NSC Total



Fonte: <https://x.com/portalsnscototal/status/995117606175625217/photo/1>

Com base nos elementos descritos, é possível identificar um acionamento, por meio de memória coletiva, do período de ditadura no Brasil, conhecido por ter sido marcado por violência, censura e repressão. No entanto, ao longo do mandato de Bolsonaro, ele e seus apoiadores trataram o golpe de 64 por “revolução de 64” e transformaram-no em data comemorativa em todos os anos de mandato. A partir disso, os elementos imagéticos podem ser trazidos para compreender o deslocamento.

Na fala original de Bolsonaro, o vermelho, como já vimos, referia-se ao comunismo. Já nessa charge, o vermelho, representado por uma mancha que “respinga” na bandeira do Brasil, simboliza o sangue, fato confirmado pelos elementos escritos (execução e morte). A

¹³ Informações sobre o fato disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/em-memorando-diretor-da-cia-diz-que-geisel-autorizou-execucao-de-opositores-durante-ditadura.ghtml> Acesso em: 25 set. 2024.

¹⁴ Para Kress (2010), todo texto é multimodal e, logo, o processo de interpretação deve levar em consideração não apenas os elementos verbais, mas também outros modos semióticos, como as imagens e as cores, por exemplo.

estratégia da ironia encontra-se na expressão de susto representada pelas marcas que saem das faces das personagens e da fala interrompida pelo “OOOPS!”. Ou seja, é irônico que setores da direita afirmem que a bandeira do Brasil jamais seria vermelha, enquanto celebram um evento (um golpe) profundamente marcado por morte, tortura e desaparecimentos.

No que diz respeito às identidades acionadas, de acordo com o quadro de Charaudeau (2001), o circuito externo, composto por EUc e TUi referem-se, respectivamente, ao autor (Zé Dassilva) e a qualquer pessoa que venha a ter contato com a charge, podendo coincidir, ou não, com o público idealizado pelo autor. No circuito interno, tem-se EUE representado por uma figura masculina possivelmente de direita (ou do contexto ditatorial) e um narrador que expõe o fato a que essa figura se vincula. Enquanto isso, a identidade de TUD pode partir do público idealizado tanto pelo autor (os próprios direitistas, como forma de crítica e provocação; ou a oposição, como forma de denúncia e alinhamento de ideais) quanto do público idealizado pela personagem interna, que enuncia a frase deslocada (possivelmente em direção à segunda personagem que, na imagem, apenas recebe a mensagem).

Imagem 2: João Bosco, 26 de maio de 2019, J.Bosco



Fonte: <https://jboscocartuns.blogspot.com/2019/05/povo-nas-ruas-protestando.html>

Já a charge da Imagem 2 aciona o tema do patriotismo, questionando-o. Ao analisarmos a charge e os elementos escritos, deparamo-nos com um balão que contém a mesma fala de Bolsonaro em suas campanhas: “a nossa bandeira jamais será vermelha”. Já no que diz respeito aos elementos imagéticos, é possível identificar que a fala vem, realmente, de uma personagem que representa a figura de Bolsonaro. Considerando o primeiro plano, tem-se a bandeira dos Estados Unidos e, cobertos por ela, há, também, apoiadores do então presidente (ou candidato, a depender da época) em formação de marcha. Tanto a figura de

Bolsonaro quanto a dos apoiadores faz o símbolo de arma com a mão (também típico de suas campanhas). No chão, e ao redor das personagens, há papéis que lembram cédulas de voto.

A construção do vermelho ocorre na bandeira dos Estados Unidos, que é segurada por Bolsonaro. Em contraste, todas as personagens são apresentadas com roupas em tom de verde, amarelo e azul. A ironia encontra-se na crítica ao patriotismo de Bolsonaro e seus apoiadores, que alegaram fraude nas eleições de 2018 e defenderam, por muito tempo, o retorno do voto impresso¹⁵ no Brasil. Além disso, em maio de 2019, outra situação que poderia justificar a ironia da bandeira tornando-se vermelha por causa dos EUA foi o fato de que Bolsonaro prestou continência à bandeira estadunidense¹⁶, ato repudiado por sua oposição, que questionou seu patriotismo, e aclamado pelos seguidores.

No que concerne os sujeitos do ato de linguagem, EUc refere-se ao autor João Bosco e, assim como na primeira charge, TUi pode ser qualquer leitor que tenha contato com o texto. Já EUe liga-se ao próprio Bolsonaro, em forma de caricatura. O TUD desse autor coincide com as possibilidades do primeiro: direcionado aos direitistas, há uma crítica à quebra de expectativa em relação aos valores da própria direita; já aos opositores, há conivência em relação aos questionamentos do patriotismo de Bolsonaro. O TUD interno, ou seja, associado ao EUe, seriam os seguidores, eleitores e apoiadores do então governante.

Imagem 3: Zé Dasilva, 18 de junho de 2021, NSC Total



Fonte: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/charge-do-ze-dasilva-bandeira-vermelha>

¹⁵ Em 2019, uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) redigida pela deputada Bia Kicis (PSL) postulava a obrigatoriedade de emissão de cédulas físicas para voto. Mais informações disponíveis em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/06/entenda-a-polemica-em-torno-da-pec-do-voto-impresso> Acesso em: 06 mar. 2025.

¹⁶ Informações disponíveis em:

https://www.terra.com.br/noticias/bolsonaro-recebe-premio-bate-continencia-a-bandeira-dos-eua-e-erra-o-proprio-o-bordao_3e51701c017f264ac65c2f3bcce8d1c0oldta994.html Acesso em: 20 set. 2024.

Na imagem 3, também ilustrada por Zé Dassilva, há uma crítica econômica ligada ao aumento do valor da taxa de energia elétrica, com o uso da expressão “bandeira vermelha”. Esse uso permite identificar facilmente o vínculo entre o jargão de Bolsonaro e a crítica presente na charge. Assim, os elementos escritos expressos por um(a) possível jornalista expõem que haverá esse aumento. Em resposta, tem-se a fala do telespectador: “mas disseram que a nossa bandeira jamais ia ser vermelha!”.

Os elementos imagéticos são importantíssimos para compreender a composição da cena, mas a associação ao vermelho mostra-se completamente em modalidade escrita nessa situação. Nesse sentido, tem-se um casal sentado em um sofá, à frente da televisão, de onde sai a primeira enunciação. A segunda enunciação parte do homem, em tom de indignação. Podemos inferir esse tom de maneira interpretativa, já que o telespectador se trata de um cidadão brasileiro que consome energia elétrica e paga por ela; e pela composição da imagem, visto que a personagem masculina está levantada, com as mãos e expressão facial em configuração de questionamento e a personagem feminina mantém-se sentada, mas com expressão facial de dúvida.

No que diz respeito aos quadros das identidades dos sujeitos, o circuito externo é composto por EUc referindo-se a Zé Dassilva e TUi àqueles que tiverem contato com a charge. Já o circuito interno envolve duas cenas enunciativas e, logo, dois quadros. No primeiro, relacionado à televisão, depreendemos um EUe identificado por um possível repórter ou jornalista não identificado, apenas ocupando esse papel social. O TUD ao qual ele se refere são os telespectadores, pessoas que buscam se informar. A segunda cena e, conseqüentemente, o segundo quadro, concerne ao homem, que é identificado como outro EUe e enuncia para um TUD externo (possivelmente para aqueles que disseram que não seria vermelha). A ironia encontra-se no duplo sentido da expressão “bandeira vermelha”, visto que, novamente, o deslocamento do âmbito político para o econômico reflete um outro tipo de bandeira, denunciando um outro problema para o qual o presidente havia prometido soluções.

Imagem 4: Babu, 11 de março de 2021, A estância de Guarujá



Fonte: <https://www.estanciadeguaruja.com.br/charge-da-semana-babu-bolsonaro-x-pandemia/>

Por fim, o último exemplo carrega o tema da crise sanitária de Covid-19 que, iniciada em 2019, atingiu picos altíssimos de morte entre 2020 e 2022. Nesse caso, há uma crítica às decisões tomadas pelo governo a respeito das medidas de segurança no período pandêmico. Os elementos escritos são compostos pela fala “o meu Brasil nunca será vermelho ‘talquei’” proferida pela caricatura de Bolsonaro, além dos quadros dentro da televisão, os quais trazem as informações “mortes por covid-19” e “em alta”. Além do jargão deslocado, Babu também traz uma repetição bastante característica do ex-presidente (“tá ok”). Em relação aos elementos imagéticos, tem-se a figura de Bolsonaro ocupando o papel social de presidente (explicitado pela faixa presidencial) e uma televisão contendo um mapa do Brasil todo em vermelho. A ironia encontra-se na associação da cor vermelha ao perigo e ao aumento de números de morte (associação explicada por Guimarães, (2000) e Heller (2013). Assim, mais uma vez, mesmo dizendo que o país não se tornaria vermelho pelo comunismo, o deslocamento enfatiza outro tipo de associação à cor vermelha.

Em relação ao quadro de comunicação, EUc e TUi mantêm-se enquanto autor, dessa vez Babu, e público leitor. Já EUe refere-se a um Bolsonaro presidente que fala para o povo que, para ele, resume-se aos seus apoiadores e ilustram, nesse caso, o TUD. Já em referência ao TUD do autor, pode-se dizer que, assim como nas outras charges, pelo tom de denúncia e crítica, trata-se daqueles que corroboram com a disseminação desses jargões, para serem “desmascarados” e expostos. Uma outra interpretação pode ser a de que TUD, em todas as

charges, trata-se do povo brasileiro, como uma forma de denunciar essa figura, ou essa fala, a esse coletivo.

Com base nas análises, é possível depreender alguns aspectos presentes nas charges que contribuem para a compreensão da simbologia da cor vermelha e de seu uso em específico. Todas as quatro produções envolvem um EUC correspondente a um autor que questiona, critica e desloca o jargão de Bolsonaro, acionando a estratégia da ironia, seja pela escrita ou pela imagem, para fazer esse questionamento. As charges 2 e 4 trazem a representação explícita de Jair Bolsonaro. Ou seja, o deslocamento da frase, apesar de associada diretamente a seu enunciador inicial, é identificado por outros elementos. Na charge 2, por exemplo, o que desencadeia a ironia é a bandeira dos EUA, enquanto na charge 4, o mapa de mortes por COVID-19. A charge 1, apesar de possivelmente representar figuras históricas, não explicita a figura de Bolsonaro. A associação dos sujeitos deve ser, portanto, inferida pelo contexto. Já a charge 3 representa um/a provável jornalista, um cidadão e uma cidadã assistindo às notícias pela televisão, cena bastante corriqueira na sociedade brasileira. Podemos afirmar que se trata de sujeitos sociais. Isto é, não os identificamos individualmente, como as figuras públicas, mas podemos associá-los ao imaginário do brasileiro. Essa é a única charge em que o jargão é enunciado em forma clara de questionamento e a ironia, assim como nas outras, repousa na dualidade do significado de “vermelho” no contexto empregado.

Nesse sentido, na charge 1, o “vermelho da ameaça comunista” é deslocado a partir de sua associação com a cor do sangue; na charge 2, a cor vermelha é deslocada para a simbologia presente na bandeira dos EUA; na charge 3, o deslocamento ocorre na expressão “bandeira vermelha”, que corresponde ao modelo de tarifas de energia elétrica do Brasil, empregado em momentos de condições adversas que levam ao aumento da conta de luz; na charge 4, a cor vermelha assume o significado de “perigo”, remetendo ao crescimento acelerado e alarmante dos casos e mortes por COVID-19. Além disso, por estar relacionada ao número de óbitos, a cor vermelha também se vincula à simbologia do sangue e da perda. Em todos os casos, seja por meio de sujeitos sociais ou figuras históricas, o deslocamento funciona como um recurso de crítica irônica à forma como o ex-presidente e seus apoiadores lidaram com os temas debatidos.

Considerações finais

No âmbito político brasileiro, a cor vermelha é fortemente associada aos ideais do comunismo e, conseqüentemente, da esquerda, a depender da interpretação e associação de determinados grupos. Nos últimos anos, a popularização do jargão "nossa bandeira jamais será vermelha", amplamente difundido por movimentos de extrema direita, impulsionou a disseminação temor de um possível retorno da "ameaça vermelha". No entanto, essa fala passou a ser resignificada pela oposição no debate público e digital, adquirindo novos sentidos que expressam ironia (Charaudeau, 2006), categoria do humor que se destacou como um potente elemento de reinterpretação, e crítica às contradições do governo de Bolsonaro. Sob essa ótica, este estudo teve como objetivo analisar charges digitais que expressavam deslocamentos da cor vermelha para outros contextos que comprovassem esse processo de resignificação.

A partir dos estudos de Pêcheux (1999; 2006; 2011), Guimarães (2005), Dias (2016) e Paveau (2021), foi possível compreender de que maneira a memória discursiva, o acontecimento, a ideologia e a circulação digital influenciam na construção de novos significados para o bordão e para o próprio uso da cor vermelha no discurso político contemporâneo. Os deslocamentos analisados demonstram que os acontecimentos não possuem significado fixo, mas dinâmico e propenso a mudanças conforme sua inserção em novos enquadramentos discursivos e ideológicos.

Ao mesmo tempo, no ambiente digital, esses conteúdos podem ser reproduzidos, na íntegra e em partes (adaptações para a digitação, colagens, cópia da imagem, cópia da ideia geral associada a outras imagens – como uma conta de luz que contenha a presença da bandeira vermelha –, “linkagem” hipertextual a outras redes sociais etc.). Essa reprodução em massa gera a dissipação da noção de autoria, visto que acaba por diluir esse fator com o aumento de compartilhamento. A única situação em que isso não ocorreria seria na cópia da imagem que, como característica essencial de uma charge, carrega a assinatura do chargista, por isso a importância de identificar os sujeitos (Charaudeau, 2001) em nossas análises. De toda forma, a utilização de figuras e ideias de terceiros para expressar indignação ou para que o usuário se identifique com um grupo ideológico se relaciona consideravelmente com a noção de *corpografia* trazida por Dias (2016), uma vez que é a partir de imagens, gifs, memes, links, textos ou materiais em geral que ocorre a inserção do corpo deste usuário na

internet. Ou seja, quanto mais compartilhamento, mais identificação ocorre por um determinado grupo e, conseqüentemente, mais desvinculação por parte de outro (pois esses compartilhamentos também podem vir seguidos de negações ao conteúdo inicial).

De toda forma, os enunciados produzidos ou retomados no meio digital, como é o caso do jargão de Bolsonaro, carregam ideologias e memórias próprias dos grupos que os reproduzem ou deslocam. Diante disso, este artigo contribui para a compreensão das relações entre discurso, meio digital e ideologia, evidenciando ressignificações da simbologia da cor vermelha no cenário político contemporâneo. A análise dessas charges não apenas demonstra a complexidade dos deslocamentos, mas também destaca a importância da criticidade acerca dos discursos que circulam na rede, principalmente em cenários marcados por intensa polarização política.

Referências

- AMOSSY, R. KOREN, R. Argumentação e discurso político. In: In. EMEDIATO, W. (Org.) *Análises do discurso político*. Belo Horizonte, NAD, UFMG, 2016.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes Editora, 1989.
- CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: Mari, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG. 2001.
- CHARAUDEAU, P. *Des Catégories Pour L'Humour?* Revue Questions de communication. n°10, Presses Universitaires de Nancy, Nancy, 2006, p. 19-41. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,93.html> Acesso em: 20 set. 2024.
- CHARGE. In: *Michaelis: Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/charge/> Acesso em: 15 set. 2024.
- COSTA, C; SOUZA, F.; IDOETA, P. A. Eleições 2018: Bolsonaro usa metáfora para conchamar apoiadores a 'metralhar petralhada'. *BBC News Brasil*, 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- COSTA, S. R. *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COURTINE, J. J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. R. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *REDISCO*. v. 10, n. 2, Vitória da Conquista, 2016. p. 8-20. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>. Acesso em: 19 dez. 2024.

GUIMARÃES, E. Enunciação e acontecimento. In: GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2a ed. Pontes, 2005. p. 11-31.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 3 ed. Anna Blume, 2000.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York, London: Routledge, 2010.

MOTTA, R. P. S. A “indústria” do anticomunismo. n. 15. *Anos 90*: Porto Alegre, 2001/2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6613/3936> Acesso em: 10 out. 2024.

PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. P. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes Editora, 1999.

PÊCHEUX, M. *Estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2006.

PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011.

SANTOS, F. R. C. O problema da laicidade na doxa do discurso conservador: O caso do impeachment de Dilma Rousseff. *Discurso & Sociedad*, Vol.14(3), 2020, 522-545. Disponível em: <http://www.dissoc.org/es/ediciones/v14n03/DS14%283%29dosSantos.pdf> Acesso em: 17 dez. 2024.

RED ON THE BRAZILIAN FLAG: ANALYSIS OF CARTOONS IN REACTION TO JAIR BOLSONARO'S JARGON IN THE BRAZILIAN DIGITAL CONTEXT

ABSTRACT: This study aims to discursively understand the political and ideological associations of the color red within the Brazilian sociopolitical context. These associations are triggered by the phrase “our flag will never be red,” stated by Jair Bolsonaro in his inauguration speech (2019) and recurrently used throughout his electoral campaign and presidency (2018–2022), both in public and digital environments. The research draws on the concepts of memory, event, and ideology (Pêcheux, 1999; 2006; 2011) to analyze the sociopolitical framework of the proposed timeframe. The *corpus* is composed of digital cartoons that reference the color red in political contexts and the context of Bolsonaro's statement. The analysis is grounded in the theoretical-methodological principles of Semiolinguistics to understand and identify speech acts, communication situations, and the subjects (Charaudeau, 2001), as well as the notions of digital discursivity and digital nativity developed by Dias (2016) and Paveau (2021), respectively. These approaches allow us to begin this search for comprehending the color red as both an ideological symbol and a marker of rejection by certain oppositions within the Brazilian political domain.

KEYWORDS: Ideology, Cartoons, Red color, Digital discourse, Bolsonaro